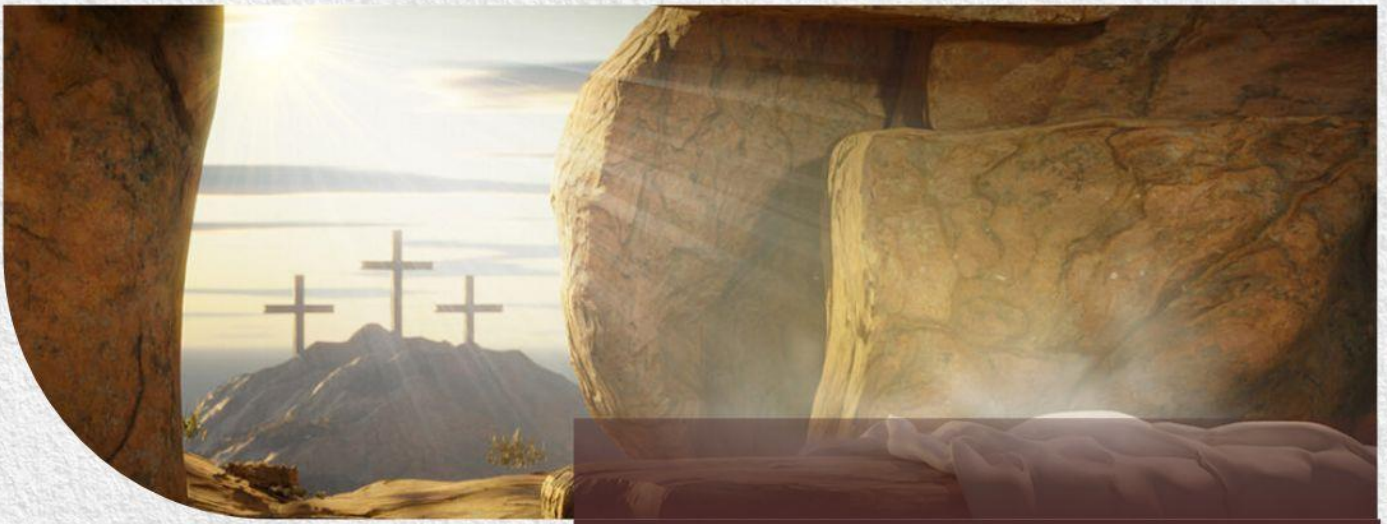




LIÇÃO 12

**22 de Junho de 2025
2º TRIMESTRE 2025
ADULTOS**

Murilo Alencar

Do julgamento à ressurreição

Esboço Da Lição 12

Do 2º Trimestre

De 2025

Por Murilo Alencar

DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

E O VERBO SE FEZ CARNE
Jesus sob o Olhar do Apóstolo do Amor

Domingo, 22 de junho de 2025

DO JULGAMENTO A RESSURREIÇÃO

O QUE ESTUDAREMOS?

A lição desta semana conduz-nos ao clímax da obra redentora de Cristo: sua morte vicária e sua ressurreição gloriosa. Do julgamento injusto à cruz, da sepultura ao túmulo vazio, o Evangelho de João nos revela que nada saiu do controle divino. Preparados? Vamos juntos aprender a Palavra de Deus.

TEXTO ÁUREO

Tendo-o provado, Jesus disse: "Está consumado!" Com isso, curvou a cabeça e entregou o espírito. (Jo 19.30 NVI).

Enquanto estava na cruz, Jesus proferiu sete declarações conhecidas como “as sete palavras da cruz”. Essas expressões finais revelam seu coração compassivo, sua fidelidade ao Pai e a plenitude de sua obra redentora.

1. “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23.34). Sua primeira palavra foi uma oração de perdão por aqueles que o crucificavam, demonstrando compaixão mesmo em meio à dor.
2. “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso” (Lc 23.43). A segunda palavra expressa graça e salvação ao ladrão arrependido, que depositou fé em Jesus nos momentos finais de sua vida.
3. “Mulher, eis aí o teu filho... Eis aí tua mãe” (Jo 19.26–27). A terceira palavra revela sua ternura filial e cuidado com Maria, confiando-a aos cuidados do discípulo amado.
4. “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27.46; cf. Sl 22.1). A quarta palavra, central, expressa a angústia do abandono experimentado por Jesus ao carregar sobre si o pecado do mundo.
5. “Tenho sede” (Jo 19.28). A quinta palavra indica não apenas sua condição física, mas também o cumprimento das Escrituras (cf. Sl 69.21), demonstrando sua plena consciência do plano divino.
6. “Está consumado” (Jo 19.30). A sexta palavra é um brado de vitória. Embora os sofrimentos tivessem terminado, o significado vai além: o plano redentor foi plenamente executado, e a dívida do pecado, paga.
7. “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23.46). Por fim, a sétima palavra é uma entrega serena e confiante ao Pai, encerrando sua missão com obediência perfeita.

Essas palavras se organizam em três blocos: as três primeiras voltam-se para os outros (perdoando os algozes, salvando o ladrão arrependido, cuidando de sua mãe); a quarta se dirige ao Pai, em meio à dor da separação; as três últimas concentram-se em si mesmo: em seu corpo (Jo 19.28–29), sua alma (Jo 19.30; cf. Is 53.10) e seu espírito (Lc 23.46).

VERDADE PRÁTICA

Na cruz, Jesus triunfou sobre o pecado; na Ressurreição, conquistou a vitória sobre a Morte.

- Tema da Atividade: Dupla Vitória – Pecado e Morte vencidos
- Público-alvo: Classe de adultos
- Duração estimada: 10 a 12 minutos
- Objetivo pedagógico: Compreender que Jesus triunfou sobre o pecado na cruz e sobre a morte na ressurreição, aplicando essa verdade à vida cristã.

Material necessário:

- 2 cartões por dupla (ou folha A4), com os títulos:
 - a. Cartão 1: CRUZ – Vitória sobre o pecado
 - b. Cartão 2: RESSURREIÇÃO – Vitória sobre a morte
- Caneta ou lápis
- Bíblia ou caderno (opcional)

Procedimento:

- Formação de duplas. Divida a turma em duplas, de preferência com pessoas que não se conhecem muito bem (para promover interação).
- Distribuição dos cartões. Entregue os dois cartões para cada dupla. Peça que cada dupla leia os títulos e siga as instruções do professor.

A dupla deve responder, de forma simples e objetiva:

Cartão 1 – CRUZ:

- O que Jesus venceu na cruz?
- Como essa vitória impacta nossa vida diária?

Cartão 2 – RESSURREIÇÃO:

- O que Jesus venceu na ressurreição?
- Que esperança essa vitória nos traz?

Compartilhamento rápido.

- Escolha de 2 a 3 duplas para compartilhar suas respostas. Dê 1 minuto para cada uma.

Síntese pastoral do professor.

Encerre a atividade dizendo: *“Na cruz, Jesus carregou nossos pecados e cancelou nossa culpa. Na ressurreição, Ele derrotou a morte e garantiu nossa esperança eterna. Por isso, vivemos hoje livres da condenação e cheios de esperança!”*

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

1. A PRISÃO E A CONDENAÇÃO DE JESUS

1.1 A prisão.

A LIÇÃO DIZ: Nos capítulos 17 e 18 deste Evangelho, após ter proferido o seu último discurso aos discípulos e os ter preparado para a traição de Judas Iscariotes, Jesus atravessou o ribeiro de Cedrom e fez uma paragem no Jardim do Getsêmani. Este jardim era também conhecido como “o Monte das Oliveiras”, devido à grande quantidade de oliveiras que ali existia. Naquela madrugada, o ambiente neste local parecia carregado de tristeza e angústia. Os soldados romanos e os membros da guarda do sumo sacerdote foram guiados por Judas Iscariotes até ao local onde Jesus se encontrava com os seus discípulos. Tendo concordado com a traição em troca de 30 moedas de prata, o traidor identificou Jesus com um beijo traiçoeiro, indicando aos soldados romanos quem Ele era, levando à sua prisão e conduzindo-o até Anás, o sumo sacerdote, para ser interrogado. Em seguida, depois de ter sido agredido, o nosso Senhor foi levado perante o governador Pilatos (18.28 — 19.6).

Do Getsêmani ao pretório: o caminho do Cordeiro.

- 1.1.1 A oração sacerdotal (Jo 17). Jesus ora ao Pai antes de enfrentar a cruz. Intercede por Si mesmo, pelos discípulos e por todos os que creriam nele. Mesmo à beira do sofrimento, Jesus pensa nos outros. A oração intercessora é fruto de amor.
- 1.1.2 O jardim do Getsêmani (Jo 18.1–2). Jesus atravessa o ribeiro de Cedrom com seus discípulos e vai ao Getsêmani, também chamado Monte das Oliveiras. É um lugar de angústia e entrega. Todo servo fiel de Deus passará pelo “seu Getsêmani”, onde terá de escolher entre fugir ou se entregar à vontade do Pai.

- 1.1.3 A traição de Judas (Jo 18.3–5). Judas chega com soldados romanos e guardas do sumo sacerdote. O beijo que deveria ser um gesto de afeição torna-se símbolo de traição.
- 1.1.4 A prisão e submissão voluntária de Jesus (Jo 18.6–11). Jesus se apresenta: “Sou eu” e os soldados recuam e caem. Ele entrega-se livremente. Pedro tenta reagir, mas Jesus o impede. Cristo não foi vencido, Ele se entregou. A cruz não foi fraqueza, foi obediência.
- 1.1.5 Interrogatório diante de Anás e agressões (Jo 18.12–24). Jesus é levado a Anás, interrogado e agredido. Era um tribunal de cartas marcadas. A sentença estava decidida antes de Jesus ser julgado. Jesus é enviado a Pilatos, em seguida a Herodes, por fim conduzido novamente a Pilatos.

1.2 O interrogatório.

A LIÇÃO DIZ: *De início, Pilatos questiona a acusação feita pelos judeus. Jesus fora detido durante a madrugada e, ao amanhecer, depois de ter passado pela casa de Caifás, o sumo sacerdote, os judeus preferiram que a condenação viesse do governador Pilatos. Assim, levaram Jesus até ele, apesar de este preferir que fossem os próprios judeus a julgar Jesus conforme as leis judaicas (Jo 18.28,31). Por sua vez, Pilatos, na tentativa de aliviar a pressão política dos judeus, cedeu à hostilidade deles e decidiu colocar Jesus ao lado de Barrabás (18.38-40). Este último era um criminoso notório e escolheram libertá-lo em vez de desistirem da crucificação de Jesus. O ódio religioso do povo era tão intenso que eles não conseguiam ver nada que pudesse impedir a condenação de Jesus.*

Do pretório a crucificação: o julgamento injusto.

- 1.2.1 Justiça corrompida pelos interesses pessoais (Anás e Caifás) Anás, ex sumo sacerdote, e Caifás, seu genro e atual sumo sacerdote, conduzem o primeiro inquérito de Jesus. Eles interrogam com perguntas capciosas, buscam flagrantes de blasfêmia e não têm interesse na verdade, mas em eliminar o “problema” que ameaça sua influência religiosa. Para nossa reflexão é importante destacar que o desejo de honrar a verdade divina deve prevaleça sobre qualquer vontade de autopreservação ou ganho pessoal.
- 1.2.2 Vaidade e irreverência perante o sagrado (Herodes Antipas). Enviado a Herodes, Jesus se torna objeto de zombaria. O tetrarca veste-o com um manto luxuoso e, apesar de ter ouvido falar dos milagres, permanece indiferente ao mistério do Reino. Depois devolve Jesus a Pilatos como mero entretenimento. A irreverência de Herodes revela a cegueira espiritual de quem procura espetáculo em vez de adoração sincera.
- 1.2.3 Medo da opinião alheia e abdicação da responsabilidade (Pilatos). Pilatos reconhece repetidamente a inocência de Jesus mas teme uma revolta popular e a perda de seu cargo. Ele busca artifícios para se livrar do caso, passando a responsabilidade adiante e finalmente cedendo ao clamor do povo,

mesmo contra sua própria convicção. A coerência entre convicção e ação é essencial na vida cristã. O medo do julgamento humano leva à abandono da justiça divina e ao sofrimento do inocente.

1.3 A condenação.

A LIÇÃO DIZ: *Pilatos mandou que Jesus fosse açoitado e, posteriormente, os soldados romanos, para o humilhá-lo ainda mais, colocaram sobre a sua cabeça uma “coroa de espinhos afiados”, provocando-lhe ferimentos e fazendo o sangue escorrer pelo seu rosto. Essa era uma maneira de escarnecer da sua suposta realeza. O instrumento utilizado para os castigos era um chicote com tiras de couro afiadas, que tinham pedaços de ossos ou pedras cortantes na ponta. Jesus foi ferido e teve a sua carne dilacerada pelos golpes (Jo 19.1,2). Nesse momento, nosso Senhor assumiu as nossas enfermidades e dores; foi afligido e oprimido, foi castigado pelas nossas transgressões e iniquidades; cumprindo assim a profecia do profeta Isaías (Is 53.4,5).*

Pilatos tentou de todas as formas livrar-se desse caso. Logo cedo ele chegou tentar transferir a responsabilidade aos chefes judeus a fim de que julgassem Jesus segundo suas próprias leis, mas eles admitiram não ter poder para aplicar a pena de morte. Em seguida, ele enviou o Prisioneiro a Herodes Antipas, esperando transferir a responsabilidade, mas Herodes limitou-se a zombar de Jesus e devolvê-lo ao governador.

Apesar de reconhecer repetidamente a inocência de Jesus, Pilatos temia uma revolta que pudesse custar-lhe o cargo. Por isso, recorreu a um costume pascal que lhe permitia soltar um preso como gesto de clemência. Colocou lado a lado Jesus e Barrabás, um insurgente violento de reputação infame, e perguntou à multidão qual libertar. Instigados pelos principais dos sacerdotes, todos clamaram pela liberdade de Barrabás.

Pilatos ainda insistiu tentando virar a decisão contra os acusadores, mas sem sucesso. Diante do clamor unânime por condenação, mandou açoitar Jesus. Os lictores romanos usaram o flagrum (azorrague), um chicote cujas tiras continham lascas de metal e ossos, projetado para rasgar a carne e deixar feridas expostas. Esse sofrimento cruel enfraqueceu Jesus a ponto de ele não suportar carregar a cruz sozinho até o Gólgota.

Ainda em tom de escárnio, os soldados vestiram-no com um manto de púrpura obtido do caro tintureiro de moluscos e colocaram sobre a sua cabeça uma coroa feita com espinhos longos de tamareira. Aquelas pontas afiadas perfuravam sua testa lembrando a maldição que entrou no mundo em Gênesis capítulo três enquanto, ao mesmo tempo, cumpriam a profecia de Isaías capítulo cinquenta e três. Eles ofereciam a Jesus um cetro improvisado, uma simples cana, e inclinavam o corpo em falsa reverência, zombando da realeza messiânica: “Salve, rei dos judeus.”

Pilatos voltou então ao pretório e apresentou Jesus aos que exigiam a crucificação, afirmando mais uma vez não encontrar culpa nele. Longe de comover-se, os líderes religiosos intensificaram o clamor pela sentença de morte. Naquele momento de injustiça absoluta, pode-se ver como o ódio distorce o juízo humano. Mas aquele juízo perverso cumpria, no plano divino, o propósito de redenção anunciado pelos profetas e consumado pelo sacrifício de Cristo.

Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo [aqui](#) para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD

2. CRUCIFICAÇÃO, MORTE E SEPULTAMENTO DE JESUS

2.1 O caminho do Calvário.

A LIÇÃO DIZ: *Após a tentativa de Pilatos evitar a crucificação e libertar Jesus, não conseguiu impedir o castigo mais severo. Finalmente, no versículo 16, lê-se: “Então, entregou-lho, para que fosse crucificado” (Jo 19.16). Sob os açoites dos soldados, Jesus carregava a sua cruz até chegar ao Gólgota, local conhecido como “Lugar da Caveira”, devido à forma que o monte apresentava.*

A narrativa bíblica do percurso de Jesus carregando a cruz até o Gólgota revela não apenas o sofrimento físico de nosso Salvador mas também profundas lições espirituais. A seguir estão cinco etapas centrais, cada uma fundamentada nas Escrituras:

- 2.1.1 Jesus toma a cruz (Jo 19.17). Jesus, já ferido pelos açoites, levanta-se e assume voluntariamente o madeiro (Jo 19.17).
- 2.1.2 Simão de Cirene é compelido a ajudar (Mc 15.21). Exausto e fraco, Jesus recebe auxílio de Simão de Cirene que, a mando dos soldados, carrega parte do peso (Mc 15.21). Deus usa inesperados instrumentos de graça para sustentar o Servo sofredor.
- 2.1.3 Encontro com as mulheres de Jerusalém (Lc 23.27–31). Uma multidão de mulheres pranteia e lamenta enquanto Jesus passa. Ele as convida a chorar menos por Ele e mais pelo futuro de Jerusalém (Lc 23.28–31), ensinando que o sofrimento do Cristo tem propósito redentor e alerta profético.
- 2.1.4 Despojamento das vestes (Mt 27.35 e Jo 19.23–24). No Gólgota, soldados dividem entre si as roupas de Jesus e tiram sortes pela túnica sem costura. Esse ato cumpre o Salmo 22.18 e anuncia que o Rei vindouro permanece vestido de humildade.
- 2.1.5 A chegada ao Gólgota e a crucificação (João 19.17–18). Chegando ao lugar chamado Caveira, ou Gólgota, Jesus é pregado na cruz. Ali Ele fica suspenso para que toda a humanidade possa ver o amor que carrega nossos pecados (Jo 19.17–18).

2.2 A missão foi encerrada.

A LIÇÃO DIZ: *Assim, ciente de que sua missão na Terra estava completada (v.28), não hesitou em proclamar a vitória do plano divino ao afirmar: “Está consumado!” (Jo 19.30). A obra de Jesus estava concluída. O seu grito não era de derrota, mas sim uma declaração da realização de uma tarefa confiada pelo Pai.*

O termo grego *tetelestai* pode nos soar incomum hoje, mas era amplamente utilizado na época. Um servo o usava para relatar ao seu senhor: “Concluí a obra que me confiaste” (cf. Jo 17.4). Um sacerdote também o pronunciava ao examinar um animal e constatar que não havia defeito algum. Jesus é o Cordeiro perfeito de Deus, sem mancha ou mácula. Quando um artista finalizava sua pintura ou um escritor concluía um manuscrito, também podia dizer: “Está consumado!” A morte de Jesus na cruz completa o quadro que Deus vinha pintando e a história

que escrevia desde os tempos antigos. A cruz lança luz sobre as cerimônias e profecias veterotestamentárias, revelando seu verdadeiro significado.

Entre os usos mais marcantes de *tetelestai* está o comercial: ao quitar uma dívida, dizia-se “está pago”. Na cruz, Jesus satisfez completamente os requisitos de uma lei santa e pagou integralmente a nossa dívida. Nenhum sacrifício do Antigo Testamento podia remover os pecados; seu sangue apenas os cobria temporariamente. Mas o Cordeiro de Deus derramou seu sangue eficaz, que de fato pode tirar o pecado do mundo (Jo 1.29; Hb 9.24–28).

2.3 O Sepultamento.

A LIÇÃO DIZ: *No versículo 38, aparece um homem que admirava Jesus e era um discípulo discreto e reservado, chamado José de Arimateia. Ele fazia parte do Sinédrio (Mc 15.43) e era uma pessoa abastada (Mt 27.57). Devido ao temor que tinha dos judeus, mantinha-se afastado dos discípulos, mas conseguiu vencer esse medo ao reunir coragem para se dirigir a Pilatos e solicitar o corpo de Jesus para o sepultamento (Jo 19.42). A informação contida no texto sugere que o túmulo onde Jesus foi sepultado não ficava longe do Monte do Calvário.*

Mateus nos dá três informações sobre José de Arimateia: ele era de Arimateia, cidade dos judeus, rico e discípulo de Jesus (Mt 27.57). Marcos nos dá duas informações novas sobre ele: era um ilustre membro do Sinédrio e esperava o reino de Deus (Mc 15.43). Lucas nos oferece, também, duas informações novas: era homem bom e justo; e não tinha concordado com o desígnio e ação dos outros membros do Sinédrio acerca do processo e condenação de Jesus (Lc 23.50,51). João, porém, nos dá uma informação extra. Diz que ele não teve coragem para assumir seu posicionamento acerca de Cristo publicamente, com medo de retaliação (19.38). Esse homem é quem vai a Pilatos reivindicar o corpo de Jesus para ser sepultado.

John Charles Ryle diz que outros tinham honrado e confessado nosso Senhor quando o viram fazendo milagres, mas José o honrou e confessou ser seu discípulo quando o viu frio, ensanguentado e morto. Outros tinham demonstrado amor a Jesus enquanto ele estava falando e vivendo, mas José de Arimateia demonstrou amor quando ele estava silencioso e morto.

Próximo ao monte da Caveira onde Jesus fora crucificado, havia um jardim, e ali, em um sepulcro novo, depositaram o corpo de Jesus. Jesus foi sepultado nesse túmulo novo, cavado na rocha, perto do Gólgota. O sepultamento é a evidência de sua morte, e a ressurreição é a prova de sua vitória sobre a sepultura.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

3. A RESSURREIÇÃO DE JESUS

3.1 O Túmulo Vazio.

A LIÇÃO DIZ: *Na manhã do primeiro dia da semana (domingo), ocorreu um terremoto na área do sepulcro, e um anjo de Deus deslocou a pedra, sentando-se sobre ela (Mt 28.2). Foi nesse instante que Jesus ressuscitou do lugar onde o seu corpo se encontrava. O túmulo ficou vazio, servindo como uma evidência clara da ressurreição de Jesus dentre os mortos.*

Se o Evangelho de João fosse uma biografia qualquer, o capítulo 20 não existiria. Se você ler biografias e poderá constatar que a maioria delas termina com a morte e o sepultamento da pessoa em questão. Desconheço

uma biografia que fale da ressurreição de alguém! O fato de João ter continuado seu relato e compartilhado seu entusiasmo com o milagre da ressurreição mostra que Jesus Cristo não é como qualquer outro homem. Ele é, de fato, o Filho de Deus.

3.2 A Ressurreição como base da Fé Cristã.

A LIÇÃO DIZ: *Em sua abordagem sobre a importância da Ressurreição, o apóstolo Paulo dirigiu-se aos coríntios afirmando que “Cristo ressuscitou dos mortos” e que, se essa afirmação não fosse verdadeira, a nossa fé e a nossa mensagem seriam inúteis (1Co 15.12-14).*

Negar a ressurreição de Cristo é despojar a mensagem cristã de seus sete pilares essenciais

- 3.2.1 Cristo não ressuscitou. “E, se não há ressurreição de mortos, então, Cristo não ressuscitou [...]. Porque, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou” (1Co 15.13-16). Sem a ressurreição, seguimos um Salvador morto e sem poder.
- 3.2.2 Nossa pregação torna-se vã. “E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação” (1Co 15.14). A proclamação do Evangelho perde todo propósito e se revela inútil.
- 3.2.3 Nossa fé é vazia; “É vã a vossa fé” (1Co 15.14). Se fundamentada em algo que não aconteceu, a crença cristã torna-se um engano.
- 3.2.4 Somos tidos como falsas testemunhas. “[...] e somos tidos por falsas testemunhas de Deus, porque temos asseverado contra Deus que ele ressuscitou a Cristo” (1Co 15.15). Alegar a ressurreição de Cristo seria atribuir a Deus uma obra que Ele não realizou.
- 3.2.5 Permanecemos nos nossos pecados “E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados” (1Co 15.17). A morte vicária de Cristo só é validada pela ressurreição; sem ela, não há perdão efetivo.
- 3.2.6 Os que dormiram em Cristo pereceram. “E ainda mais: os que dormiram em Cristo pereceram” (1Co 15.18). Sem a ressurreição de Jesus, não há esperança de vida eterna para aqueles que morreram em comunhão com Ele.
- 3.2.7 Somos os mais infelizes de todos os homens. “Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens” (1Co 15.19). Sem perspectiva futura, a vida cristã degenera em hedonismo: “comamos e bebamos, porque amanhã morreremos.”

A conclusão de Paulo é: “Mas, de fato, Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem” (1Co 15.20). A ressurreição de Cristo e a ressurreição dos mortos são inseparáveis. Se Jesus venceu a morte, todos que estão unidos a Ele também ressuscitarão.

3.3 O Cristo Ressurreto quebra a incredulidade.

A LIÇÃO DIZ: *Apesar do receio e da incredulidade de alguns dos discípulos, mesmo após ouvirem o testemunho de Pedro e João, e em especial, de Maria Madalena, que viu Jesus e falou com Ele pessoalmente, Jesus apareceu entre os discípulos no primeiro dia da semana. Ele surgiu no meio deles e disse: “Paz seja convosco!” (Jo 20.19). Em outras ocasiões, nosso Senhor também se manifestou aos discípulos antes da sua ascensão ao céu (Jo 21.1,2). A Pedro e a alguns outros que o seguiam, Jesus revelou-se novamente e realizou o milagre da pesca abundante (Jo 21.3-11), uma prova do poder do Cristo ressuscitado. Seria impossível permanecer incrédulo depois de testemunhar o Cristo que venceu a morte.*

Desde o princípio, os inimigos de Jesus tentaram negar o fato histórico de sua ressurreição.

- 3.3.1 Os líderes judeus afirmaram que o corpo de Cristo havia sido tirado de seu túmulo. Trata-se de uma declaração absurda, pois como seus seguidores poderiam ter roubado o corpo? Havia soldados romanos guardando o túmulo, e um selo oficial romano fora colocado na pedra de entrada. Além disso, os discípulos não acreditavam que Jesus voltaria dos mortos; seus inimigos é que se lembraram de suas palavras (Mt 27.62-66). Por certo, não foram eles que roubaram o corpo!
- 3.3.2 Talvez os discípulos tenham recebido "visões" do Senhor ressurreto e as tenham interpretado como evidências da ressurreição de Cristo. Mas não esperavam vê-lo e, portanto, não estavam psicologicamente predispostos a sofrer uma alucinação. Como seria possível mais de quinhentas pessoas terem a mesma alucinação ao mesmo tempo (1 Co 15.6)?
- 3.3.3 É bem pouco provável que os discípulos de Jesus tenham ido para o túmulo errado. Observaram com atenção onde ele havia sido sepultado (Mt 27.61; Mc 15.47; Lc 23.55-57). Amavam o Mestre e dificilmente teriam se confundido quanto ao local de seu sepultamento. A preocupação que as mulheres expressaram quando estavam se aproximando do túmulo (quem removeria a pedra da entrada? (Mc 16.1-3) mostra que sabiam para onde estavam indo.
- 3.3.4 Quanto à argumentação absurda de que Jesus não morreu, mas apenas desmaiou e depois voltou a si, não é preciso dizer muita coisa. Várias testemunhas viram que Jesus estava morto quando seu corpo foi tirado da cruz. Posteriormente, foi visto com vida por testemunhas confiáveis. A única conclusão lógica é que Jesus cumpriu sua promessa e ressurgiu dentre os mortos.

Mas nem mesmo os seguidores mais próximos de Cristo compreenderam, de imediato, a verdade maravilhosa da ressurreição. Só aos poucos esses homens e mulheres profundamente entristecidos começaram a se dar conta de que seu Mestre estava vivo!

A consciência plena de que Jesus havia ressuscitado foi transformadora. Transformou em júbilo as lágrimas de Maria Madalena (Jo 20.1-18); transformou em coragem os temores dos dez discípulos (Jo 20.19-23); transformou em certeza a dúvida de Tomé (Jo 20.24-31). A ressurreição é a base de nossa fé.

CONCLUSÃO

O caminho do julgamento à ressurreição revela o cumprimento perfeito do plano divino de redenção. Na cruz, Jesus triunfou definitivamente sobre o pecado, pagando por inteiro nossa dívida. Na ressurreição, venceu a morte, garantindo-nos esperança eterna. Nenhuma injustiça ou sofrimento pôde impedir o propósito do Pai. O túmulo vazio é prova incontestável de que servimos a um Salvador vivo, que transforma nossas dores em esperança, nossas dúvidas em fé sólida e nosso medo em coragem. Que possamos viver com ousadia, confiantes na vitória conquistada por Cristo, anunciando ao mundo: Ele ressuscitou, está vivo e em breve voltará em glória!

ABRA A JAULA – PB. MURILO ALENCAR

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

CARSON, D. A.; MOO, Douglas; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KÖSTENBERGER, Andreas J.; KELLUM, L. Scott; QUARLES, Charles L. **Introdução ao Novo Testamento: a manjedoura, a cruz e a coroa**. Tradução de Carlos Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2022.

ZUCK, Roy B. **Teologia do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

LOPES, Hernandes Dias. **João: as glórias do Filho de Deus**. São Paulo: Hagnos, 2015.

MACDONALD, William. **Comentário bíblico popular — Novo testamento**. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

RYLE, J. C. (John Charles). **Meditações no Evangelho de João**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2018.